

MEIO AMBIENTE, DISCURSO E IDENTIDADE EM UMA COMUNIDADE DE PESCA

Sérgio Arruda de Moura¹

Arthur Nogueira Garcia Pinho²

Resumo: O artigo tem como objetivo abordar o discurso de pescadores sobre o impacto ambiental causado pela exploração petrolífera e outros desequilíbrios ecológicos em torno da atividade das comunidades pesqueiras da Praia do Siqueira, Cabo Frio (RJ). Metodologicamente, procede-se à análise crítica do discurso em contexto de conflito social em que se verificam assimetrias de poder. Conclui que sujeitos reagem à problemática que impede a mudança social por meio de uma prática social reativa. Esse artigo resulta de pesquisa financiada pelo Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte, como medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo IBAMA-Petrobras.

Palavras-chave: Discurso; Identidade; Cultura; Meio Ambiente.

Abstract: The article aims to address the fishermen's discourse on the environmental impact caused by oil exploration and other ecological imbalances around the activity of the fishing communities of Praia do Siqueira, Cabo Frio (RJ, Brazil). Methodologically, a critical analysis of the discourse is carried out in the context of social conflict in which power asymmetries are verified. It concludes that subjects react to the problem that prevents social change through a reactive social practice. This article is the result of research funded by the Pescarte Environmental Education Project (PEA), as a mitigation measure required by the Federal Environmental Licensing, conducted by IBAMA-Petrobras.

Keywords: Discourse; Identity; Culture; Environment.

¹ Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF-RJ). E-mail: arruda@uenf.br. Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5417599262853598>

² Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: arthur.pinho@edu.ufes.br. Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0794465014602367>.

Introdução

O presente artigo objetiva analisar o discurso de pescadores de uma comunidade de pesca artesanal no modo como constroem sua relação com a problemática ambiental. O discurso que problematiza os impactos sofridos por um desequilíbrio ecológico gerado por despejos sanitários em uma comunidade de pesca lagunar na Praia do Siqueira pertencente ao município de Cabo Frio/RJ constitui o objeto desta análise. O documentário intitulado ... *A ver navios: narrativas da Praia do Siqueira*³, produzido no âmbito do Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte, serviu-nos como material para essa primeira investida que objetiva, mais adiante, traçar as metas de um projeto de escuta de comunidades de pescadores e pescadoras ao longo da costa litorânea do estado do Rio de Janeiro, procurando acessar o modo como elas constroem discursos de poder, pertencimento e identidade. Por ora, daremos enfoque ao conflito gerado pelo desequilíbrio ecológico, nos termos apontados, utilizando-nos da chamada Análise Crítica do Discurso, como campo teórico adequado de abordagem de quadros desta natureza, na qual se pode divisar a mudança social.

Discurso é um dos conceitos mais ativos na abordagem de fenômenos sociais porque é quando sujeitos se posicionam buscando construir sentidos sobre si e sobre o mundo. Também são cada vez mais estreitos os laços que unem a pesquisa da linguagem aos campos sociais, quando se torna possível aproximar os dados intencionais ou inconscientes do discurso aos modos de viver e interagir socialmente.

Sendo resultado de pesquisa financiada pelo Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte como medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo IBAMA, o presente artigo integra a linha de pesquisa intitulada “Língua e identidade: assumindo a expressão linguística como patrimônio cultural e afirmação ideológica”, da qual somos coordenador, inserida no referido PEA do qual fazemos parte como bolsista pesquisador e de iniciação científica. Nesses termos, vamos desenvolver uma linha de trabalho com o discurso tendo em vista um projeto concreto de Educação Ambiental, que conta com 20 outras linhas distintas de investigação objetivando atender as populações de pescadores e pescadoras que sofrem os impactos ambientais e, conseqüentemente, socioeconômicos resultantes da atividade de exploração do petróleo e desequilíbrios ecológicos outros.

Nosso primeiro intento é delimitar os conceitos e a metodologia com os quais vamos operar ao longo do seu desenvolvimento, bem como definir a linha teórica de análise dos dados discursivos que serão captados entre os sujeitos da pesca nos seus ambientes de vida e trabalho por meio de um documentário

³ ... *A ver navios: Narrativas da Praia do Siqueira* é um filme-documentário de 32'27" que aborda o crescimento da cidade de Cabo Frio/RJ a partir do ponto de vista da comunidade de pescadores artesanais da Praia do Siqueira. Foi produzido pelo Pescarte como parte das atividades. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rFJULunHYME>. Acessado em 5/3/2021.

produzido pelo próprio Pescarte. Trata-se, pois, de uma investigação em um domínio cujos sujeitos são pescadores e pescadoras de comunidades que vivem da pesca artesanal em um total de dez municípios ao longo da costa litorânea do estado do Rio de Janeiro a partir da região dos Lagos até a região Norte fluminense⁴. A atividade de exploração petroleira, por outro lado, impacta na vida de tais comunidades de várias formas, sendo as mais importantes o desequilíbrio ambiental que se reflete diretamente na perda da produtividade do pescado. Soma-se a isso o desequilíbrio resultante do crescimento desordenado das cidades, que passam a jogar esgotos nos manguezais, lagunas e no mar, além de avançarem desordenadamente sobre áreas que se deviam preservar.

Essa problemática, bem como a consciência dela por comunidades estabelecidas no entorno de lagoas ou que tirem sustento delas, é amplamente configurada no estudo de Silva *et al.* (2021). Para os autores, figuram nas primeiras opções como causa principal do desequilíbrio o “descarte irregular de resíduos” associado “à falta de saneamento básico e construções em locais impróprios” (SILVA *et al.*, 2021, p. 457).

Esse estado de coisas leva os pesquisadores do referido PEA a várias propostas de pesquisa⁵, sendo a nossa abordar as comunidades a partir do discurso de sujeitos que vivem a pesca e nesta atividade produzem os contextos a partir dos quais elaboram suas visões pessoais e coletivas de mundo, crenças e ideologias, construindo assim identidades como forma de relacionar discurso a poder e mitigar essa relação de forças assimétricas. Assim se delinea a problemática, e que nos orientará dentro da nossa especificidade.

Esse artigo se caracteriza, pois, por integrar uma atividade de pesquisa na qual se desenvolvem diversas frentes interdisciplinares de estudos, desde os mais concretos sobre os impactos ambientais nos micro e macrosistemas ecológicos da pesca em confronto com a exploração petroleira, até os da produtividade da piscicultura, passando pela discussão sobre a legislação e a Educação Ambiental, culminando com os fenômenos culturais, artísticos e linguageiros das populações atingidas, que protagonizam o projeto como um todo. Assim se justifica nossa inserção no Pescarte por encarmos ali os sujeitos de fato da ação social, movidos que são pelo discurso que resulta de suas formas de pertencimento às comunidades, com seus valores, crenças e conhecimentos de mundo organizando contextos que buscamos compreender, nos inserindo neles e provocando sentidos.

Objetivamente, no presente artigo serão traçadas as bases teóricas de abordagem do problema, tentando caracterizar a forma como a expressão crítica contida nas manifestações discursivas do cotidiano e da memória insere

⁴ São os seguintes os municípios fluminenses beneficiados pelo PEA-Pescarte: São Francisco do Itabapoana, São João da Barra, Campos dos Goytacazes, Quissamã, Carapebus e Macaé (Região Norte) e Rio das Ostras, Armação dos Búzios, Cabo Frio e Arraial do Cabo (Região dos Lagos).

⁵ Ao todo, são 21 linhas de pesquisa agremiando pesquisadores de formações diversas.

os sujeitos da pesca em um contexto crítico de abordagem, avaliação e reação aos conflitos vividos na pesca ocasionados por fatores externos. Nosso estudo também se caracteriza como uma contribuição dos estudos do discurso a um projeto que envolve linhas teóricas de ciências diversas, ao constituir uma frente interdisciplinar no qual cada um a sua maneira aborda a problemática sob pontos de vistas que convergem na sua perspectiva de fundo definida pela linha mestra do Pescarte, que é, repetindo, a mitigação dos impactos da exploração do petróleo na atividade de pescadores e pescadoras que vivem da pesca artesanal. No final, avaliaremos ainda como uma teoria do discurso se adequa ao contexto geral de uma vasta pesquisa interdisciplinar, ajudando em algum aspecto a inserção do discurso como termo de origem das sínteses produzidas.

A metodologia, resumidamente, consiste em captar o discurso produzido no documentário sobre os pescadores da praia do Siqueira (Cabo Frio/RJ) por meio da análise do componente crítico do discurso de sujeitos situados, como forma de avaliar o discurso como componente essencial das práticas sociais. O referido documentário constituirá nosso material essencial, a despeito de documentos outros, arquivados e publicizados também sob a forma de documentários e depoimentos para pesquisadores e público em geral da rede.

A análise mais conveniente nesse caso específico em que se objetiva abordar as comunidades pesqueiras e destacar a forma como constroem identidades, crenças e conhecimento de mundo frente a uma realidade num contexto socioeconômico crítico é a chamada Análise Crítica do Discurso (ACD). Em que consiste a ACD é o que veremos a seguir numa tentativa de estabelecer um campo teórico de discussão.

A Análise do Discurso Crítica nos embates sociais

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é uma teoria da linguagem que se serve do discurso para abordar fenômenos sociais em que se verificam os embates entre sujeitos em torno de conflitos sociais, nos quais os problemas de linguagem passam a se identificar com questões de poder. Sua índole interdisciplinar atinge muitos domínios, posto que linguagem, sociedade e poder se mostram presentes nos embates entre sujeitos e essas instâncias. Aventurar-se em qualquer um desses domínios implica numa busca por mudança social, o que significa que há uma relação assimétrica entre os sujeitos envolvidos, exercendo poder dentro de um determinado espaço social.

Tratamos, sumariamente, de abordar a linguagem em uso, ou seja, em ações que produzimos com os textos no interior das atividades sociais. São os textos que intermediam e organizam as práticas humanas, razão pela qual a ACD vai se ocupar de investigar a linguagem em uso, ou seja, os textos assumidos por sujeitos em contextos, assim como os resultados dessas ações. É assim que se chega ao discurso, que sustenta e molda as práticas. Há,

portanto, um olhar para o texto e outro para as ações sociais, ou movimento natural de pessoas em sociedade.

São vários os autores que conduzem uma análise dessa natureza, que investiga as práticas sociais a partir de uma perspectiva de poder. O termo ACD surgiu em 1985 com Fairclough (2001), embora tenha sido já na década de 70 que um grupo de pesquisadores na Grã-Bretanha estivesse desenvolvendo “*uma abordagem de estudo da linguagem conhecida como linguística crítica*” (MAGALHÃES, 2005, p. 2). Esta consiste em ver a língua no seu caráter dinâmico e aberto, capaz de processar a mudança nos contextos em que se insere e é utilizada e incorporar as mudanças ao sistema.

Mais adiante, em 1979, “*Fowler, Kress, Hodge, e Trew publicaram Language and Control (Linguagem e Controle), que teve repercussão entre linguistas e pesquisadores da linguagem que se interessavam pela relação entre o estudo do texto e os conceitos de poder e ideologia*” (MAGALHÃES, 2005, p. 2).

Na década seguinte, Fairclough, van Dijk, Leuween e outros desenvolveram a teoria sempre buscando assegurar a prática analítica com algum subsídio que pudesse estimular a mudança social. Apoiados nas ciências sociais críticas, desenvolvidas ao longo das três últimas décadas lado a lado com os fenômenos sociais emergentes tais como o feminismo, as lutas antirracistas e demais movimentos reivindicatórios concernentes à sexualidade, religião e classes sociais, a ACD foi-se inserindo nos meios acadêmicos dando assim largas contribuições ao avanço dos estudos sobre o discurso. No Brasil, essa vaga de estudos foi iniciada pelo artigo pioneiro de Izabel Magalhães na revista D.E.L.T.A. em 1986, intitulado “*Por uma análise crítica e explanatória do discurso*”. Escreveu ela: “*Proponho que as benzedeadas estabelecem sua liderança na comunidade pelo equilíbrio entre os eixos de poder e solidariedade em um continuum de estratégias*” (MAGALHÃES, 1986, p. 183-4), no qual intenta a busca de um método que possa representar a vida social de um modo mais completo (*apud* HOLY; STUCHLIK, 1983, p. 185). Tal completude é obtida a partir de uma visada no discurso, quando conclui:

No contexto das Rezas e Benzeções, a religião e as normas comunitárias locais expressadas, por exemplo, em provérbios, representam importantes fenômenos ideológicos (macro) que devem ser explicados (MAGALHÃES, 1986, p. 198).

Nosso intento é exatamente esse, focar o discurso como conjunto de valores socialmente interpretados, que descamba necessariamente para uma tomada de poder, pela via de um sentido ideológico posto sobre suas práticas. É notável a reserva de funcionalidade que esse conceito traz para as análises, pois se subentende uma reserva complexa de sentidos que vêm à tona sempre que os sujeitos tomam a palavra e não se dão conta de sua força. Segundo Magalhães e Gieve (*apud* MAGALHÃES, 2005, p. 6),

um ponto central dos debates foi a constatação de que em diversas situações de pesquisa os sujeitos pesquisados muitas vezes aceitam as imposições feitas a eles/elas pelo simples fato de que pode ser difícil não aceitá-las.

A introdutora da ACD no Brasil, ainda nos anos 1980, exemplifica essa aparente contradição, indicando o real papel da ideologia como sendo o de estruturar-se nos comportamentos de forma a não gerar reação. Escreve ela:

No discurso médico, por exemplo, na área de pediatria, as mães das crianças geralmente são representadas como 'inadequadas' porque são consideradas exclusivamente como responsáveis por alimentar e cuidar dos filhos. Por essa razão, há evidências de manipulação ideológica das mulheres por parte dos médicos, para seguirem suas recomendações sem qualquer questionamento (MAGALHÃES, *apud* MAGALHÃES, 2005, p. 6).

A ADC, então, é esse conjunto de teorias sobre a linguagem e o discurso que envereda pela vida social captando conflitos gerados por intolerância ou políticas precárias de toda ordem. Assim, questões como dominância, estruturas de poder, racismo e negação do racismo, manipulação estão na ordem do dia do analista. Vejamos com van Dijk (2017) uma conceituação bem ampla da ADC:

é um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político (VAN DIJK, 2017, p. 113).

Não à toa, a ADC se desenvolveu a partir do componente crítico proposto pela Escola de Frankfurt, bem como pela emergência do discurso nos domínios da linguagem desde a linguística crítica, como já vimos. É nesses termos que na ADC, ainda segundo van Dijk (2017), é fundamental a consciência explícita do seu papel na sociedade. Quanto à relação entre a pesquisa acadêmica e a sociedade,

os analistas críticos do discurso defendem que tais relações sejam estudadas e explicadas por si mesma e que as práticas acadêmicas sejam fundamentadas a partir deste entendimento (VAN DIJK, 2017, p. 114).

Dado o caráter dissidente do tipo de investigação. Ao analista “*é fundamental a consciência explícita de seu papel na sociedade*” (VAN DIJK, *op. cit.*, p. 114). Além disso, a ACD

concentra-se principalmente nos problemas sociais e nas questões políticas... é empiricamente adequada e normalmente multidisciplinar [...] em vez de meramente descrever estruturas do discurso, procura explicá-las em termos de interação social e especialmente da estrutura social [...] e enfoca, mais especificamente, os modos como as estruturas do discurso produzem, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam as relações de poder e de dominação na sociedade” (VAN DIJK, 2017, p. 114-5).

Van Dijk também ilustra o aparato metodológico, fazendo uma síntese de como Fairclough e Wodak fundamentam a ADC:

A ACD aborda problemas sociais;
As relações de poder são discursivas;
O discurso constitui a sociedade e a cultura;
O discurso realiza um trabalho ideológico;
O discurso é histórico;
A relação entre texto e sociedade é mediada;
A análise do discurso é interpretativa e explanatória;
O discurso é uma forma de ação social (VAN DIJK, 2017, p. 115).

A potencialidade e versatilidade da ADC reside “*em sua própria epistemologia, cuja fundamentação sugere que [...] os textos traduzem a desigualdade social em que se situam seus produtores*” (RODRIGUES JUNIOR, 2009, p. 100-1), dentre outras questões já suscitadas.

Assim julgamos procedente a opção pela ADC no nosso trabalho como forma de enveredar nas comunidades de pescadores com o objetivo de analisar o discurso produzido. Inicialmente, essa abordagem se dará, como já dito, pela explanação, que se caracteriza por abordar todas as frentes do problema, desde a ênfase no problema e na identificação dos obstáculos a sua reparação até a sua reflexão crítica.

Temos, portanto, na presente proposta de artigo, uma problemática originada em um conflito social (vivenciado pelas comunidades de pesca tal como identificado pelo Pescarte), e uma teoria crítica fundamentada nas assimetrias de poder, marcadas aqui como um conflito ambiental gerado pelo

impacto da exploração petroleira com reflexo nas consequentes transformações urbanas, que impactam, por sua vez, na exploração imobiliária não planejada sobre os ecossistemas.

Caracterizando a problemática

Municiado deste instrumental e devidamente acondicionado no campo da linguagem e do discurso, o analista está apto a identificar o problema em uma dada comunidade. A classe de pescadores da chamada pesca artesanal constitui um grupo intensamente fragilizado pelas disposições hoje que provocam o descontrole climático e ambiental cuja consequência mais imediata é a escassez dos produtos da pesca. Somemos a isso a ausência do poder público na preservação dos sistemas hídricos, entre os quais, os lagunares, posto que grande parte da pesca artesanal se verifica em estuários e lagoas, especialmente o caso da comunidade em foco neste trabalho, a praia do Siqueira, situada em Cabo Frio/RJ. Os índices da pesca são o termômetro da vitalidade (ou não) desta atividade econômica.

Há uma gama de critérios de ação e de conhecimento que auxiliam os pescadores na sua atividade, sempre buscando tanto a produtividade quanto a sua manutenção. Um dado importante da cultura do pescador e que regula sobremaneira a sua atividade é o conhecimento das espécies, seus períodos de maior abundância e seus movimentos migratórios quando se trata de pesca em alto mar ou mesmo em lagoas com as dimensões da Lagoa de Araruama, situada na região dos Lagos fluminense. Outro dado é o pleno domínio intuitivo ou empírico das estratégias de pesca de acordo com os movimentos das marés. O dado conflitivo fundamental desta cultura, porém, é a sua própria existência e manutenção, que não depende intrinsecamente do pescador e de sua ciência, que são os dilemas socioambientais.

Ora, essa base de discurso é tanto admirável quanto crítica, pois embasa sua atividade, e todo esse conhecimento obtido por transmissão oral e empírica, posto que essa profissão é familiar e transmitida de geração a geração. O fator de fato conflitante é a escassez eventual, mas cada vez mais regular, do próprio peixe. Queremos assim localizar um conflito no qual possamos gerar a fórmula: linguagem - práticas sociais - poder, problemática atravessada de questões sociais e políticas. Em Mudança social, Fairclough (2001) declara

que são as disciplinas que se ocupam com essas questões – a sociologia, a ciência política, a história – que deveriam ser consideradas em primeiro lugar na definição dos projetos de pesquisa (FAIRCLOUGH, 2001, p. 276).

De certa forma, seguimos o seu esquema no trabalho de seleção e análise dos textos:

Revbea, São Paulo, V. 18, Nº 3: 249-264, 2023.

(1) análise das práticas discursivas [...] focalizando a intertextualidade e a interdiscursividade das amostras do discurso; (2) análise dos textos [...]; (3) análise da prática social da qual o discurso é uma parte (FAIRCLOUGH, 2001, p. 282).

Fica assim delineado o circuito desde as práticas, passando pelo texto e a análise delas. Este circuito se evidencia nos contextos produtores de discurso: 1) a nostalgia de um tempo em que o pescado era abundante em águas limpas e quando os mais velhos entraram na pesca; 2) a situação atual de intensa poluição que mata e/ou afugenta os peixes na pesca lagunar com o descontrole ambiental; 3) a retomada dessa “herança” discursiva como poder, e que propicia a nossa análise.

Nunca é demais trazer Foucault (1996, p. 10) quando atesta: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. É Van Dijk (2017, p. 159) quem define a principal função do contexto, a saber, “como eles permitem e condicionam a produção e compreensão dos textos e da fala”, nesta perspectiva.

Em pesquisa anterior do Pescarte, Costa (2019) já havia mapeado os conflitos socioambientais que atingem hoje a pesca artesanal decorrentes dos impactos da ação humana:

- Poluição por esgoto dos rios, lagoas, lagunas;
- Pesca predatória;
- Desmatamentos das matas ciliares e manguezais;
- Espécies invasoras no sistema lagunar;
- Redução dos estoques pesqueiros;
- Salinização de rios e lagoas;
- Seca e redução no volume de água nos rios e lagoas (barramento dos rios e canais, assoreamento do rio, obstrução da boca da barra)” (COSTA, 2019, p.189).

Esse estado de coisas já é percebido desde as investigações iniciais conduzidas pelos pesquisadores do Pescarte, como enfatizado por Timóteo (2019, p. 6):

E hoje se tem a consciência que uma das principais comunidades atingidas é a da pesca artesanal, tanto em razão da perda do espaço marinho — sobre o qual concorre com embarcações e área de exclusão de pesca, representado pelas plataformas (não se pode pescar a menos de 500 metros do entorno das plataformas) —, quanto pela perda de seu espaço em terra — vitimados pela valorização imobiliária das áreas litorâneas e ocupação desordenada de locais de reprodução das espécies (TIMÓTEO, 2019, p. 6).

Esta seleção de questões embasa o discurso crítico e reivindicatório das comunidades de pescadores, como salientado nos videodocumentários que foram produzidos pelo Pescarte e dos quais selecionamos um. Tais materiais discursivos se prestam a nossa análise por duas razões: 1) os projetos que os produziram se imbuem firmemente da crença de que, sendo o projeto de Educação Ambiental, o critério de ação é educativo, isto é, com base na construção e posterior reflexão do problema. Então, a palavra não é conduzida, mas franqueada em canais que transcendem o raio de influência do pesquisador; 2) apesar de não se solidificarem na metodologia da ADC, os projetos têm base nas ciências sociais críticas, certamente com viés marxista, que conduz os sujeitos ao conhecimento crítico da realidade e de sua transformação. A ADC é agora incorporada ao projeto como forma de contribuir com ele e, por extensão, com os propósitos da presente análise.

E, para constituir um programa de análise, temos que averiguar as circunstâncias em que a problemática se insere. Para tanto, é preciso: 1) Identificar o problema que precisa ser desvelado; 2) Identificar obstáculos a serem enfrentados; 3) Identificar a rede de práticas precisa do problema; 4) Verificar possíveis caminhos de superação no bojo das práticas sociais e no discurso.

É o que veremos a seguir.

Abordando o discurso dos pescadores

A profissão de pescador domina o imaginário de todos os tempos e lugares. São diversas as figuras emblemáticas de pescadores que influenciaram o mundo tanto na história, quanto na mitologia e na literatura. De Pedro, o primeiro chefe da igreja cristã católica, o mestre de saveiro Guma, do romance *Mar morto* de Jorge Amado, *Urashima Tarô*, da lenda japonesa do pescador e da tartaruga, até o rei pescador do ciclo arturiano, esses são apenas alguns que constituíram um domínio discursivo sobre a figura do pescador. Mas a figura atual do pescador artesanal está bem longe do lugar poético que lhe conferiu a crônica dos tempos. Muito pelo contrário, o pescador é praticamente um trabalhador invisível que labuta pela subsistência, tendo seu labor impactado pelo desequilíbrio ecológico e pelas restrições impostas pela extração do petróleo em alto mar, além da pesca industrial com a qual não pode competir.

Infere-se daí que o pescador é uma figura destacada num plano discursivo (lendas e história) e descartada em outro (o político), num embate de discursos que ainda serve como nicho identitário da classe. O pescador artesanal, hoje, sofre o declínio da atividade por fatores diversos que podem ser contornados. Ao contrário, o pescador artesanal, mal agremiado em cooperativas, ainda depende do chamado auxílio-defeso, ajuda de custo do Estado em períodos de reprodução das espécies, ou seja, em que não se pode pescar. Junte-se a isso a fragilidade social de uma profissão autônoma sem

Revbea, São Paulo, V. 18, Nº 3: 249-264, 2023.

acesso aos direitos sociais auferidos em atividade laboral formal, além do assédio cada vez mais frequentes dos atravessadores e da especulação imobiliária.

Contudo, o pescador existe, se mantém e se agremia em comunidades, tendo em função disso uma identidade, por fazerem parte de um segmento cultural bem nítido, por moverem-se num registro linguageiro próprio e por serem, enfim, uma força política potencial.

Ora, já aqui vemos: uma linguagem, uma prática social e um poder – domínios intrínsecos do discurso. E um conflito que se renova a cada geração: a própria luta com o mar, as lagoas e os rios e todos os entraves que esses sistemas sofrem no quesito segurança, incluindo a alimentar, e os obstáculos hoje agravados pelo crescimento desordenado das cidades e pela atividade industrial costeira que acaba gerando conflitos ambientais, repercutindo negativamente na pesca.

O já referido documentário ... *A ver navios: Narrativas da praia do Siqueira* expressa, pelos seus próprios protagonistas, essa história e essa problemática. A metáfora “A ver navios” é produzida pelo próprio pescador ajuizando criticamente o contexto, indicando a situação de conflito com a escassez do pescado e o apagamento da ação. A visão, assim, longe de ser ingênua, é bem posicionada criticamente, sendo uma mostra de produção discursiva que pode ser caracterizada como uma tomada do discurso como poder em direção de um projeto de mudança social.

Inferimos do referido documentário posicionamentos diversos, entre os quais destacaremos para a análise a natureza discursivo-crítica das seguintes temáticas abordadas pelos diversos entrevistados:

1. a nostalgia de um passado limpo, de lagoas não poluídas, junto com a infância de pescador;
2. a entrada meio fatalista nos domínios da pesca, como uma atividade que se passa de pai pra filho;
3. a pescadora-mulher em “atividade clássica de homem”, sem o devido reconhecimento;
4. o conhecimento técnico do movimento dos cardumes em época de reprodução, ou seja, conhecimento empírico dos ciclos naturais;
5. visão crítica sobre os agentes e causas da poluição bem como a responsabilidade do poder público em resolvê-lo.

Damos destaque ao primeiro entrevistado, o pescador Orlando. Além dele, são entrevistados José Augusto, Norma, Denaise, Nélia, Célia, Eli, Angeline, Sérgio Luiz e Luísa. Orlando dirige sua narrativa para a nostalgia e para o caráter idílico que outrora o lugar já teve. “A primeira vez que eu pesquei eu tinha 9 anos de idade e fui pescar lá no canal com meu pai. Eu não sabia como era a pescaria” – retoma ele de sua memória mais remota, na qual havia, heroicamente, na sua primeira rede jogada ao mar capturado 60 quilos de

peixe que ele não conseguiu arrastar para dentro do barco. Antes, ele retoma, também pela memória, a história do avô sobre o batismo do lugar como Praia do Siqueira e do poço que outrora ali existia. Pontua uma crítica ao poder público por ter descaracterizado o lugar passando uma estrada asfaltada sobre aquele antigo poço, de fonte natural, tornado imprestável, aliás, pela incúria da própria comunidade que o usou como depósito de entulhos, em um tempo anterior. O discurso carregado de nostalgia e de lembranças é típico dos mais velhos, e entre os pescadores não é diferente. As duas pontas de sua trajetória – infância e idade adulta – constituem um motor discursivo organizador da memória, reflexiva e que ele quer crítica. As histórias desses pescadores se localizam entre um antes harmonioso e um agora conflitante, em que paira uma ameaça do próprio estado de ser, de interrupção das gerações.

As práticas intergeracionais são uma prática de ordem discursiva. Angeline diz que aprendeu a pescar com o pai (“Ele não queria não, mas quando precisou...”). O pai, Sérgio Luiz, riu, como a admitir que queria poupá-la de uma vida dura, e diz, por sua vez, que aprendeu o ofício “com meus irmãos; a família é toda de pescador”. Angeline traz outro capital, pescadora e mulher, ao buscar se valer do conhecimento que adquiriu desde os 13 anos quando se iniciou na pesca, hoje aos 28, e versa com conhecimento de causa (“um biólogo já conversou comigo. Não tem oxigênio para [o camarão] crescer”) sobre a problemática. Nélia e Célia, mais velhas, são descascadeiras de camarão, e também produzem o discurso nostálgico. Mas, por outra, não reagem com conhecimento ao estado em que se encontra a Praia do Siqueira: “Eu não sei de onde vem [a poluição]. Eu acho que de algum esgoto que tem pra dentro dela”.

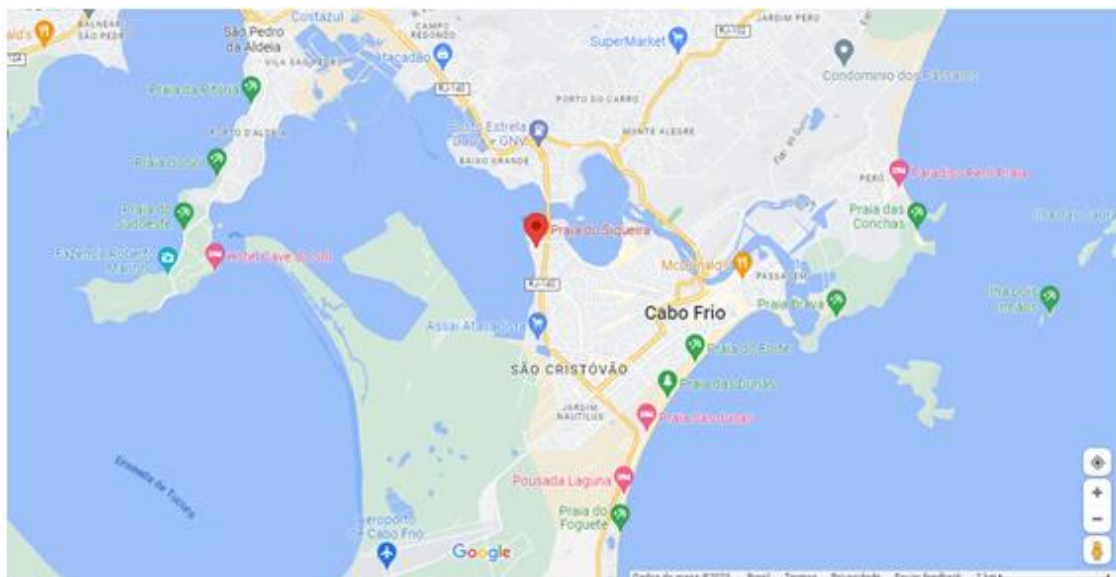


Figura 1: Localização geográfica da Praia do Siqueira, no município de Cabo Frio/RJ, região dos Lagos. **Fonte:** <<https://www.google.com.br/maps/search/Praia+do+Siqueira,+Cabo+Frio>>.

Há, assim, uma tônica no discurso geral em torno da perda de um tempo próspero, uma vez sob a forma de um lamento sobre a lagoa se encontrar no estágio em que se encontra, naquele segmento específico, mas também de aprendizado; outra por ser a repercussão muito negativa na atividade da pesca que sempre os caracterizou economicamente.

A lagoa de que tratam e onde fica a Praia do Siqueira com seu antigo poço aterrado é a Lagoa de Araruama (Figura 2), que banha mais de um município incluindo o de Cabo Frio⁶.

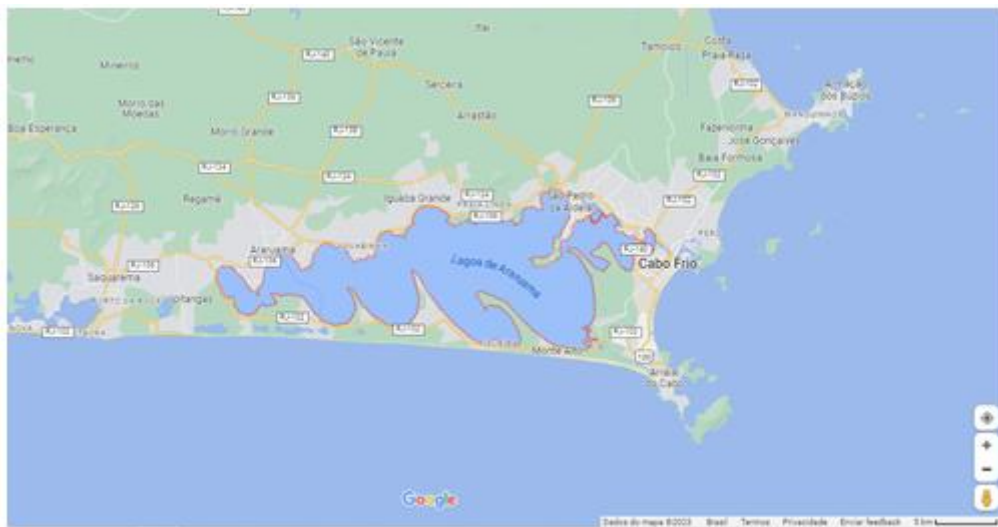


Figura 2: Localização geográfica da Lagoa de Araruama, estado do Rio de Janeiro, região dos Lagos. **Fonte:** <<https://www.google.com.br/maps/place/Lagoa+de+Araruama>>.

Pela sua extensão, que é de 220 km², compõe um verdadeiro ecossistema, sendo possível haver trechos bem mais poluídos que outros, a ponto de esse estado impedir a pesca. O estado de degradação em que se encontra a Praia do Siqueira faz José Augusto construir uma imagem de desolação; Norma qualificá-la como “liquidificador de m...”, junto com Denaise; Nélia afirmar que “pobre tem que lutar, se não lutar não consegue nada”; e Célia lamentar que se “pegava camarão com a mão”.

O discurso é uniforme nos quesitos apontados, dada a coesão do grupo entrevistado para o documentário, e aqui ouvido, especialmente quando Orlando propõe se darem as mãos e proclamar: “A gente tem que estar unido pelo mesmo ideal, despoluir a lagoa e cobrar das autoridades”.

⁶ A Lagoa de Araruama estende-se pelos municípios de Saquarema, Araruama, Iguaba Grande, São Pedro da Aldeia, Cabo Frio e Arraial do Cabo, com 160km de costa e 220 km² de área.

Considerações Finais

Precisamos desconstruir a identidade do pescador como acrítica, alheada do mundo, submissa e desconhecadora dos mecanismos sociais que o prendem à pescaria nas condições em que se encontram e que nós, por nossa vez, idealizamos. Apesar de não haver um projeto de discurso em direção a uma prática social com vistas a uma mudança social, esta possibilidade se desenha frente ao diálogo com o pesquisador, que ali chegou com um propósito, qual seja o de uma Educação Ambiental.

A escuta, nos termos em que foi feita, apesar de não ter sido obtida a partir de uma metodologia mais envolvente e participativa como a etnográfica, os protagonistas do documentário não deixaram de explicitar um certo status de amadurecimento de uma causa que já se estende por mais de uma geração. O mar, a lagoa, o rio são os fatores que lideram a agremiação e a conjugação crítica do discurso. A pesca é uma atividade profissional legítima, um tanto desassistida do poder público por se caracterizar como autônoma, o que reforça a urgência de um discurso crítico. Os termos desta autonomia se sustentam, como percebemos, em torno da manifestação constante de uma expressão crítica, que chamamos discurso crítico, que envolve a todos em um contexto de participação, por sua vez, sujeitos agremiados na atividade da pesca. Assim, na fórmula linguagem-práticas sociais-poder, verificamos que toda a ação-reação conflitiva se estrutura a partir do discurso, porém, a materialização daquela fórmula parece depender de um terceiro, no caso o trabalho inclusivo do projeto Pescarte como fator deflagrador.

É preciso lembrar o trabalho do Pescarte quando, desde sua origem há sete anos, vem trabalhando em várias frentes no sentido de mitigar os efeitos da exploração petroleira na atividade da pesca artesanal, criar mecanismos de identificação do pescador como sujeitos de comunidades tradicionais, agir com instrumentos como o censo Pescarte e a gestão da pesca, além de atividades diversas de letramento sob a forma de oficinas, amadurecer, enfim, a concepção de Educação Ambiental e economia solidária. A linguagem e o discurso aparecem, pela via de nossa linha de pesquisa, como vetor imprescindível de seu caráter investido de poder.

A solidão do pescador distante da terra firme se choca com a realidade da surpresa, se há ou não peixes transitando por ali. Embora exista um domínio de certezas sobre a mobilização dos cardumes, o desequilíbrio ecológico veio quebrá-la e engrossar o discurso crítico do pescador e de suas comunidades em direção a sua modalidade de prática que o leva a uma forma de mobilidade social. É aqui que nasce o discurso, fonte de empoderamento de sujeitos sui generis de toda prática social.

A análise mostrou que há um discurso firme bastante revelador do estado de ânimo em que se encontram todos os pescadores. Porém, o que é mais patente é a aceitação tácita da fatalidade mais do que a frustração de terem planejado alguma reversão do problema. Isso se atesta no fato de estarem apenas imbuídos do desejo de mudança, mudança declarada no discurso de

todos os que foram ouvidos. O ato de cobrar responsabilidade do poder público é compreendido como sendo por via do discurso, embora essa convicção não se esclareça com mais força junto à maioria dos que se pronunciaram.

Enfim, se revela mais a consciência da capacidade do discurso do que a sua vivência enquanto prática. Por enquanto, a ocupação do lugar, a permanência nele como outro dado fatalista, é o discurso mais vigoroso com o qual protagonizam a prática política da resistência por um futuro mais promissor.

Acreditamos, assim, com esse estudo estar inserindo uma teoria do discurso como instrumento de abordagem e compreensão de uma dinâmica comunitária às voltas com diversos aspectos de sua ação como sujeitos que se encontram com uma função social transformadora.

Agradecimentos

Aos pescadores e às pescadoras da Lagoa de Araruama e da Praia do Siqueira; ao Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF-RJ) pelo financiamento por meio de bolsa acadêmico-científica.

Referências

CENSO PEA PESCARTE. **Projeto de mitigação ambiental PETROBRAS/IBAMA/UENF**. Campos dos Goytacazes, 2016.

COSTA, K. V. Expressões do conflito socioambiental na Comunidade pesqueira artesanal no litoral norte do Rio de Janeiro. *In*: TIMÓTEO, G. (org.). **Educação Ambiental com participação popular: avançando na gestão democrática do ambiente**. 2.ed. rev. e ampl. Campos dos Goytacazes, RJ: EdUENF, 2019, p. 184-197.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução (coordenação) Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1984].

FOUCAULT, M. A. **Ordem do Discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2006 [1971].

FOWLER, R. Sobre a Linguística Crítica. Tradução Débora de Carvalho Figueiredo e Delcimeris Schlottfeldt de Oliveira. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 207-222, 2004.

MAGALHÃES, I. Introdução: a análise de discurso crítica. **D.E.L.T.A.**, vol. 2, n. 2 spe. São Paulo, 2005. Disponível: <<https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000300002>>. Acessado em 4/3/2021.

MAGALHÃES, I. Por uma análise crítica e explanatória do discurso. **D.E.L.T.A.**, vol. 2, n. 2, 1986, p. 181-2005.

RODRIGUES-JÚNIOR, A. S. Análise crítica do discurso: modismo, teoria ou método? **RBLA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, 2009, p. 99-132.

SILVA, Elaine Ferreira da et al. Análise da percepção ambiental dos moradores do entorno das lagoas de Piratininga e Itaipu, Niterói (RJ). **Revista Brasileira de Educação Ambiental**. São Paulo, V. 16, N. 2: 446-469, 2021.

TIMÓTEO, G. Apresentação. *In*: **Educação Ambiental com participação popular: avançando na gestão democrática do ambiente**. 2.ed. rev. e ampl. Campos dos Goytacazes, RJ: EdUENF, 2019, p. 4-11.

VAN DIJK, T. **Discurso e contexto**. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto 2017 [2011].

VAN DIJK, T. T. **Discurso e poder**. Tradução J. Hoffnagel, A. R. Vieira, L. Mozdzenski, B. G. Bezerra, R. Castro, K. Falcone. São Paulo: Contexto, 2017 [2008].

Revbea, São Paulo, V. 18, Nº 3: 249-264, 2023.